

TRÁFICO

POLÍCIA PRENDE MULHER DE
51 ANOS ACUSADA DE VENDER
COCAÍNA NA 107 SUL

3

CIDADES

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, sábado, 6 de maio de 2000

VITRINE

SUGESTÕES DE PRESENTES
PARA FESTEJAR O DIA DAS
MÃES NO PRÓXIMO DOMINGO

6

TEMPO SECO

DF - Clima

SÉRIE HISTÓRICA DO INMET REVELA: A CADA ANO, A UMIDADE RELATIVA DO AR É MAIS BAIXA

Marcelo Rocha
Da equipe do Correio

Natural de Monteiro, na Paraíba, Marcus Vinícius Pereira, 33 anos, não faz idéia de como era a umidade do ar em Brasília nas décadas anteriores. Ele mora na cidade há apenas três anos. O rapaz, no entanto, começa a criar mecanismos próprios para detectar a estiagem. "A minha pele já apresenta os primeiros sinais", revela o professor de psicologia da Universidade Católica.

A derme do rapaz parece ser infalível. As nuvens já começam a rarear e a primeira semana de maio registrou, por duas vezes, índices de umidade em torno de 40% nas horas mais quentes do dia (entre meio-dia e 16h) — o que já é considerada baixa pela Organização Mundial de Meteorologia.

Segundo as previsões do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), daqui a três semanas, a umidade deverá baixar ainda mais e estará aberta a temporada de seca do ano 2000. Para desespero dos brasilienses, é tempo dos resfriados intermináveis, vários problemas nas vias respiratórias, olhos irritados, indisposição física, folhas secas e gramas pálidas, queimadas, incêndios, garganta irritada, lábios rachados...

E que é pior: estudo do Inmet "pinta" este ano, e para o futuro, um cenário ainda mais desolador no Distrito Federal. A cada ano, o índice de umidade relativa do ar atinge cada vez mais patamares críticos, próximos a 10%. Com observações feitas desde 1963, a pesquisa também revela que o quadro agravou-se, de fato, na última década.

Um olhar cuidadoso sobre os números do Inmet confirma o quadro crítico. De 1963 a 1989, a umidade relativa do ar ficou abaixo de 15% por apenas cinco vezes (em 69, 73, 74, 85 e 87). Nos anos 90, isso se repetiu por seis vezes (em 93, 94, 95, 97, 98 e 99). Em 1996, chegou perto: o índice mais baixo ficou em 16%.

Outro dado reforça a constatação. Até 1990 a mínima registrada nunca tinha sido abaixo de 13%. A década de 90, por sua vez, detém o recorde de menor índice de umidade relativa do ar na história de Brasília. Em 1994, os medidores acusaram 11% no dia 14 de setembro, o que ainda se repetiu no dia 15 do mesmo mês e em 3 de outubro. Foi o ano mais seco da história.

SENSAÇÃO NO AR

Pessoas ligadas às questões ambientais assinalam o adensamento populacional do DF como fator causador da alteração do clima. "Percebe-se a alteração climática no ar. Não precisa números para isso", opi-

Jorge Cardoso 28.7.99



Cenário de devastação em julho do ano passado: a seca destrói o verde e incomoda os moradores. Invasões contribuem para agravar problema

na Maurício Galinkin, presidente do Centro Brasileiro de Referência e Apoio Cultural e Meio Ambiente (Cebrac), que desenvolve estudos sobre impacto ambiental.

"Não precisa mesmo", enfatiza o professor Marcus Vinícius. A época de seca, principalmente para ele que é de fora, causa uma série de transtornos. "Imagina você trabalhar ou praticar atividades físicas em um deserto?"

A comparação com o clima de deserto, tão comum nessa época do ano, tem lá suas razões. A umidade relativa do ar nas regiões áridas da Terra costuma beirar os 5%, o que, aparentemente, está próxima do recorde brasiliense de 11%. A história não é bem essa. É preciso levar-se em conta a quantidade de vapor d'água no ar. Em um Saara,

Carlos Moura



Ocupação desordenada altera o equilíbrio climático da região

por exemplo, ela é bem menor. Por isso, o índice chama-se *umidade relativa do ar*. Em suma, 11% em Brasília é muito mais úmido do que o mesmo índice

de 11% no deserto do Saara.

A Organização Mundial de Meteorologia (OMM), órgão ligado à Organização das Nações Unidas, com sede em Genebra

(Suíça), estabelece, para o ser humano, 55% de umidade relativa do ar como índice mínimo suportável. Ou seja, o brasiliense vive, sem erro, pelo menos 100 dias por ano na faixa entre 11% e 40%. Os meses de agosto e setembro são os mais críticos.

Quando os índices flutuam nessa faixa as pessoas começam a sofrer. As crianças são as que penam mais. Muitas, desde os primeiros dias, começam a apresentar problemas respiratórios e de pele, devido à baixa umidade. Para tentar amenizar a baixa umidade e a alta incidência de poeira, uma bacia d'água debaixo da cama do filho e uma toalha molhada na cabeceira.

A fisioterapeuta Cláudia Pires, 42 anos, que chegou aqui em 1961, todo ano sofre com os meses de estiagem. O maior problema para ela são as noites in-

sones. "Para tentar evitar os problemas, aposto em refeições leves como pães, frios e líquidos", revela a receita.

EXPANSÃO URBANA

A expansão urbanística desenfreada e sem qualquer planejamento do Distrito Federal, que provoca desmatamento e redução dos recursos hídricos, é a principal causa das mudanças climáticas e do aumento da seca. Expedito Rebello, chefe da Divisão de Meteorologia Aplicada do Inmet não tem dúvidas. "O crescimento desenfreado afeta as condições geográficas. Elas, por sua vez, interferem diretamente no clima", analisa o meteorologista.

Outros estudiosos vêem com cautela a série histórica do Inmet. Metodologicamente falando, os 37 anos seriam insuficientes para detectar movimentos cíclicos do tempo. Ou seja, indicar se a seca, mais presente na última década, não é resultado de movimentos cíclicos do tempo. Há, no entanto, a certeza de que os últimos dez anos mexeram com o clima.

A expansão urbana mexe com o clima em qualquer lugar do mundo. O DF não é uma exceção, o problema é que isso tem acontecido de forma drástica. Aqui se agrava porque são poucos os rios de grande porte. Vivemos em uma região rica em nascentes.

O adensamento populacional, com o consequente crescimento da malha asfáltica, dos calçamentos e das edificações, contribui para as alterações climáticas. Isso porque provoca a impermeabilização do solo (a água da chuva não volta para os lençóis freáticos) e enxurradas, que correm para os rios e córregos, provocando o assoreamento.

Em menor intensidade, a escavação de poços artesianos e a vegetação exótica (não originária do cerrado), que requer mais água para a sobrevivência, tem contribuído para agravar os problemas. "Não podemos apontar para uma causa, mas para uma série de causas que têm provocado a acentuada modificação climática no Distrito Federal na última década", revela o engenheiro florestal César Victor, superintendente da Fundação Pró-Natureza (Funatura).

Além de outros fatores, as transformações climáticas em qualquer região do planeta têm relação direta com alterações geográficas bruscas. O Distrito Federal, nos últimos dez anos, tem sido minado pela expansão urbanística desenfreada, crescimento que interfere no meio ambiente, principalmente na vegetação e na hidrografia.

Até os anos 80, o clima do Centro-Oeste era mais influenciado pelos fenômenos climáticos mundiais, como *El Niño* e *La Niña* (respectivamente, o aquecimento e o resfriamento das águas do Oceano Pacífico Equatorial). O estudo do Inmet mostra que, hoje em dia, não é possível mais relacioná-las.

Ao contrário da umidade relativa do ar, a temperatura atmosférica média em Brasília tem se mantido regular, com poucas alterações. O Instituto de Meteorologia também tem catalogado as médias de 1963 para cá.